

## À MEMÓRIA POÉTICA DAS MULHERES NA DIÁSPORA AFRICANA: DESCARNAR O PASSADO PARA ILUMINAR O PRESENTE EM *MEMÓRIAS APARIÇÕES ARRITMIAS*, DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO

THE POETIC MEMORY OF WOMEN IN THE AFRICAN DIASPORA: UNRAVELLING  
THE PAST TO ILLUMINATE THE PRESENT IN *MEMÓRIAS APARIÇÕES ARRITMIAS*  
BY YARA NAKAHANDA MONTEIRO

NICOLA BIASIO<sup>1</sup>

Universidade de Bolonha

<https://orcid.org/0000-0002-7329-2804>

[nicola.biasio2@unibo.it](mailto:nicola.biasio2@unibo.it)

**RESUMO:** Investigando a temporalidade fantasmagórica que assombra nosso contemporâneo através das categorias da pós-memória (HIRSCH, 1997) e da memória multidirecional (ROTHBERG, 2009), o presente artigo visa aplicar o conceito de “memória poética” na análise da recente produção poética da comunidade afrodescendente em Portugal e, em particular, da poesia produzida por mulheres na diáspora africana. Seguindo uma antiga tradição de luta e resistência de mulheres africanas ao colonialismo português, a memória das mulheres negras em Portugal torna-se uma contra-história que combate as heranças coloniais no presente, tentando criar uma memória cultural, plural e coletiva da comunidade afrodescendente no país. O livro *Memórias Aparições Arritmias*, de Yara Nakahanda Monteiro, insere-se nessa tradição feminina de combate e exemplifica as questões críticas e teóricas em jogo através da prática poética de relembrar o passado para criar uma memória partilhável, que ilumine o presente e o futuro de uma inteira geração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afrodescendente; Memória das mulheres; Memória poética; Poesia; Pós-memória

**ABSTRACT:** Investigating the ghostly temporality that haunts our present through the categories of post-memory (HIRSCH, 1997) and multidirectional memory (ROTHBERG, 2009), this article aims to apply the concept of “poetic memory” in the analysis of the recent poetic production of the Afro-descendant community in Portugal and, in particular, the poetry produced by women in the African diaspora. Following an old tradition of struggle and resistance of African women to Portuguese colonialism, the memory of black women in Portugal becomes a counter-history that opposes the colonial heritages in the present, trying to create a cultural, plural and collective memory of the afro-descendant community. The book *Memórias Aparições Arritmias* by Yara Nakahanda Monteiro exemplifies, through its heritage of female struggle, the critical and theoretical issues at stake through the poetic practice of remembering the past in order to create a shareable memory that illuminates the present and the future of an entire generation.

**KEYWORDS:** Afrodescendant literature; Women’s memory; Poetic memory; Poetry; Post-memory.

---

<sup>1</sup> Doutorando em *Women’s and Gender Studies* pela Universidade de Bolonha. Trabalha e colabora com a Universidade de Bolonha e o Centro Camões I. P. de Lisboa na qualidade de tutor didático de cursos avançados na área dos estudos literários pós-coloniais portugueses, brasileiros e da África lusófona.

“Para se lidar com fantasmas, deve-se seduzi-los com a carne do presente”  
Ruth Klüger, *Weiter leben*<sup>2</sup>

## OS FANTASMAS DO NOSSO PRESENTE

Os mortos que não foram enterrados não descansam. Eles retornam como aparições, como fantasmas de um passado concluído, porém ainda não acabado. “O que é um fantasma?”, pergunta Salman Rushdie no romance *Os versos satânicos*, “Uma coisa inacabada, isso é que é” (1998, p. 111). Vivemos em um “tempo de trânsito” (VECCHI, 2018, p. 18) entre duas gerações, as que foram de fato testemunhas dos acontecimentos que moldaram o mundo de hoje e as gerações seguintes que não vivenciaram na própria pele determinados eventos (na maioria das vezes traumáticos), mas que guardam, dentro de álbuns de família desbordantes e de caixotes improvisados, a memória testemunhal de pais e mães, de avós e avôs. Uma memória em segunda mão que pertence também às segundas gerações e que faz parte do próprio cotidiano. Falamos aqui da categoria da pós-memória, conceito elaborado por Marianne Hirsch em *Family Frames* (1997) e *The Generation of Postmemory* (2012), e originalmente referido à relação entre os filhos dos sobreviventes do Holocausto e as memórias dos seus pais e à preservação de uma memória em risco no momento em que a geração testemunhal começa a falecer. Desde então, o conceito evoluiu e foi aplicado aos demais contextos traumáticos que marcaram a história contemporânea.

Não é apenas a “posteridade” da memória a caracterizar o nosso presente, mas também a sua “multidirecionalidade”. Em *Multidirectional Memory*, Michael Rothberg afirma que a memória do Holocausto contribuiu para a emergência, articulação e elaboração de outras memórias e outras histórias traumáticas só aparentemente distantes uma da outra, compartilhando uma raiz comum: os legados multidirecionais da violência histórica (2009, p. 28). Desta forma, a pós-memória intersecta-se com a ideia de memória multidirecional. A memória multidirecional representa aquele tipo de memória do passado que se torna presente e que considera uma série de intervenções através das quais os atores sociais trazem múltiplos passados traumáticos para um presente heterogêneo e em mudança (ROTHBERG, 2009, p. 4). A

---

<sup>2</sup> A tradução da citação é retirada do livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, de Aleida Assmann (2011, p. 198).

memória multidirecional cria um elo entre as diferentes histórias traumáticas e reconhece a cada uma delas a paridade de participação no processo de revisitação e construção do nosso presente: histórias partilhadas de racismo, exploração, segregação espacial, genocídio, deslocação, diáspora e destruição cultural fornecem um patamar comum de memórias de opressão, silenciamento e esquecimento que, ao trazê-las para o debate contemporâneo, desconstruem as narrativas hegemônicas que, desde sempre, tentam silenciar e ignorar aquelas mesmas memórias.

Nesse presente assombrado por fantasmas, há um, em particular, com o qual a Europa ainda tem que lidar: o colonialismo europeu no continente africano e suas consequências, seus rastros e seus restos contemporâneos, dentre os quais, o debate sobre a presença africana no território europeu como heranças vivas dos diferentes impérios.

A questão da identidade da comunidade afrodescendente no contexto europeu é inegavelmente o que os *gender, women's e subaltern studies* definem como *counterhistory* (MONTICELLI, 2004, p. 90), uma contra-história portadora de uma contra-memória que desconstrói o conceito de Europa como um “colorblind continent” (EL-TAYEB, 2011, p. xv) e como um espaço utópico em que a categoria racial não gera relações assimétricas de poder. A raça, os processos de racialização e o racismo estrutural existem na Europa e são tão discriminatórios que Rosi Braidotti elabora o termo “Fortress Europe”, que ainda hoje representa o falso mito europeu baseado em “the belief in an ethnically pure Europe” (BRAIDOTTI, 2000). No contexto da amnésia coletiva europeia sobre um passado colonial violento que gerou movimentos migratórios e diaspóricos do continente africano, os filhos e as filhas da segunda e terceira geração de migrantes dos antigos territórios coloniais, reivindicam um reconhecimento identitário e de inclusão em um espaço geopolítico que, pelo contrário, os rejeita. Hoje, a memória das comunidades afrodescendentes, em particular no espaço amnésico europeu, questiona a delicada relação entre memória política, memória cultural e memória social, realçando a ligação crítica entre memórias dominantes e marginalizadas. Como podem estas comunidades, deliberadamente despojadas de um passado – através de processos desumanizadores como a repressão colonial, a escravatura e o tráfico atlântico de pessoas escravizadas – criar uma memória coletiva e comum (uma memória cultural?) que sirva para resgatar esse mesmo passado, para afirmar os direitos e a dignidade identitária dessas comunidades no presente, e para imaginar um futuro melhor?

Nesse processo de luta pela afirmação dos direitos de pertença e de existência no solo europeu, a memória das mulheres afrodescendentes desenvolve um papel fundamental: como sujeitos historicamente subalternizados, marginalizados e transformados em pura “alteridade” (SPILLERS, 1989; SPIVAK, 1993), a história identitária das mulheres negras representa uma contra-história, uma forma alternativa às narrações hegemônicas de relembrar um passado traumático que ainda influencia o presente e que permite iluminar todas aquelas histórias subalternas que ficaram esquecidas por causa da história ocidental “oficial” e que, hoje, desconstruem a visão da “História” como espaço neutro e objetivo. Inserindo-se em uma longa genealogia de mulheres africanas que lutaram para a libertação da subjugação colonial – quer na luta pela independência geográfica, quer no dia a dia em enfrentar o racismo cotidiano como resto do colonialismo –, as escritoras afrodescendentes continuam as lutas das próprias predecessoras para encarar os fantasmas do colonialismo e descolonizar nosso presente.

A partir dos fantasmas contemporâneos e das memórias das mulheres afrodescendentes que procuram lidar com esses fantasmas, o ato de lembrar se torna, hoje, um gesto ético e político. Pretendemos aqui refletir sobre o conceito de “memória poética” dos filhos e das filhas da diáspora africana na Europa a partir da produção poética das mulheres afrodescendentes em um país europeu, onde os legados coloniais continuam vivos e fortes: Portugal.

### A MEMÓRIA POÉTICA DAS MULHERES AFRODESCENDENTES: UMA NOVA PROPOSTA

Citando a jornalista americana Jane Kramer, Aleida Assman afirma que, perante os recentes traumas da história contemporânea, não sabemos bem onde colocar o passado, nem como lidar com ele, e nem o que fazer com tantas lembranças que cruzam diferentes contextos geo-históricos e geracionais (ASSMAN, 2011, p. 355). É exatamente nesta encruzilhada histórica que se encontra Portugal, um dos últimos países europeus a manter, até 1974, um império no continente africano. O súbito fim do império, as independências e as sucessivas guerras civis africanas aceleraram muito os processos de descolonizações, acumulando, no tempo, feridas e traumas que até hoje ficaram não elaborados na sociedade portuguesa e nos países africanos.

Em comparação a outras metrópoles europeias, Lisboa demonstra um grande atraso no reconhecimento das identidades afrodiaspóricas no debate público. Registra-se, de fato, uma dupla crise: a da identidade “nacional” de Portugal e a do continente africano. Lisboa questiona-se a partir das novas identidades afro-europeias que se configuraram depois do fim do colonialismo e dos movimentos diaspóricos; os países africanos de língua portuguesa questionam-se, por outro lado, a partir dos acontecimentos históricos produzidos com e pela independência. Estamos, portanto, perante um duplo trabalho de reconfiguração da história e da identidade de dois continentes: a Europa e a África. Mas quem são, em Portugal, os sujeitos chamados em causa neste processo de reconfiguração do país?

Nos últimos anos, assistimos em Portugal à afirmação de uma nova linha literária – a da literatura “afropea” ou “afropolitana” –, que descreve e situa os filhos da segunda e terceira geração de imigrantes das ex-colônias africanas que nasceram ou passaram a viver em Portugal, não apenas como sujeitos diaspóricos (RIBEIRO, 2020, p. 294) ou “estranhos em permanência” (MATA, 2006, p. 285), mas como cidadãos portugueses que procuram um próprio espaço geopolítico em Portugal e na Europa através dos questionamentos artísticos que a literatura e as artes colocam. Como escreve Margarida Calafate Ribeiro,

[...] ao contrário da primeira geração que, enquanto criadora, se fixa frequentemente no território deixado para trás, nunca fazendo do seu país europeu onde vive matéria ficcional ou artística, [...] estes novos escritores [...] situam a sua matéria ficcional nesse trânsito real e ficcional que os faz estar no centro de uma história transnacional complexa (RIBEIRO, 2020, p. 84).

Assim, os filhos e os netos das gerações que viveram os processos de colonização tardia e de descolonização começaram a questionar os ditos e os não ditos sobre o colonialismo e o pós-colonialismo, e a analisar suas próprias identidades hifenizadas em Portugal, herdeiras dos restos coloniais de um passado que ainda influencia o presente do país. Lembrando as lutas de libertação empreendidas pela geração dos seus pais, Vítor Belanciano afirma que essas gerações “por um lado, ‘africanizam’ a Europa, por outro, libertam-se da marca colonialista que os enquadra negativamente como ‘africanos’, para se afirmarem como europeus de pleno direito” (2021). Djaimilia Pereira de Almeida, Joaquim Arena, Yara Nakahanda Monteiro, Luísa Semedo, Tvon, Aida Gomes, Raquel Lima, Kalaf Epalanga, entre outros, são os e as expoentes dessa nova corrente literária que tenta contar Portugal através de uma perspectiva que, desde sempre, ficou apagada no discurso público da sociedade portuguesa do tempo “pós-colonial”.

Vale destacar, desde já, a preponderante presença de autoras afrodescendentes que escrevem poesia como porta-vozes de uma longa história de silenciamento, apagamento e esquecimento de uma parte da humanidade que, hoje, procura uma justa reparação. De acordo com Fernanda Vilar, “ser mulher, negra e periférica é acumular elementos para a exclusão” (2021). Resgatar as histórias das mulheres negras oriundas do sistema colonial português simboliza a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastros. Nesse contexto de total amnésia, propomos considerar a poesia das mulheres afrodescendentes como “criadora de pontes entre um passado e um presente em que suas vozes e experiências foram praticamente silenciadas” (VILAR, 2021). Essas mulheres estão participando em uma construção discursiva atual que pretende fundar um “lugar de fala”, citando a filósofa Djamilia Ribeiro (2017), para legitimar sua própria presença no espaço europeu e para recuperar a memória do passado que se torna presente e futuro. Partindo das precedentes constatações, sugerimos a criação de uma nova categoria para pensarmos as identidades afrodescendentes em Portugal a partir da memória das mulheres que, colocando passado e presente em constante presença, visa construir uma memória cultural da comunidade afrodiáspórica portuguesa: a memória *poética* das mulheres afrodescendentes. Mas o que entendemos por “memória poética”?

O conceito de “memória poética” surge em Portugal em um contexto particular: o da Guerra Colonial. Perante a gigantesca produção de poesia durante e depois da Guerra Colonial portuguesa em África, Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi tentaram sistematizar esses textos poéticos em uma antologia, nomeadamente a *Antologia da memória poética da guerra colonial* (2011). Nela, os dois pesquisadores procuram refletir sobre o elo entre poesia, memória e memória poética. Na introdução, escrevem:

Desde a época clássica e medieval, a memória poética surge da intersecção entre a arte poética e a arte de recordar, e estrutura uma tradição profunda, baseada na ideia do carácter pré-estruturado da práxis da citação, da arte alusiva. *A poesia é, portanto, em si, um modo de lembrar*. De facto, a poesia proporciona à memória um modo convencional de conservação e transmissão do que modernamente chamaríamos experiência. Confere, poderíamos dizer, uma forma – uma moldura – à matéria mnésica, fixando-a e configurando-a (RIBEIRO; VECCHI, 2011, p. 24, grifo nosso).

Fixar e configurar a matéria mnésica de um trauma histórico qual a Guerra Colonial através da poesia permite, de acordo com os autores da antologia, a construção de uma memória poética de um fato histórico; uma memória desagregada – como desagregado é o corpo de quem experienciou um trauma – que, pela força

de coesão que a poesia proporciona, torna-se patrimônio e testemunho de uma geração que passou por um inesquecível choque histórico e que contribui para a construção de uma memória cultural compartilhada entre África e Portugal (RIBEIRO; VECCHI, 2011, p. 25). Deste modo, a memória poética configura um espaço específico para esse trauma histórico: um entre-lugar limítrofe de uma memória individual (sujeito) que aspira a se tornar uma memória plural, comum, compartilhável (comunidade). Nesse sentido, a memória poética da Guerra Colonial aproxima-se de uma memória política que, posteriormente, tenta sarar feridas que ainda sangram. Com essas premissas teóricas e levando em conta a longa história de opressão que Portugal infligiu nas suas colônias africanas através da ocupação territorial, da escravidão, do tráfico de pessoas escravizadas, da Guerra Colonial e das guerras civis, será possível pensar em uma memória poética das novas gerações afrodescendentes, filhas desses processos, em Portugal, como forma de um debate público sobre a construção de uma memória cultural e política dos restos do império e suas consequências sociais? Como lembram essas gerações afrodiáspóricas hoje? Qual o papel da “memória feminina” (PERROT, 1989), ou, melhor ainda, da “memória das mulheres” negras nesse processo?

Se na memória poética da Guerra Colonial estão em jogo traumas com os horrores da guerra, a precariedade do corpo, as feridas físicas, mentais e morais, a questão do retorno a um país que já não existe mais, e a destruição de dois povos, na memória poética dos afro-portugueses voltam todas aquelas questões do passado colonial que se tornam presentes em Portugal e que Grada Kilomba conseguiu sintetizar em uma breve, porém fortíssima, expressão: as “memórias da plantação”. A metáfora da “plantação” é utilizada pela artista como símbolo de um passado traumático que é reencarnado no presente através do rasto atual da exploração colonial: o racismo cotidiano. “A ideia da ‘plantação’”, escreve, “é, além disso, a lembrança de uma história coletiva de opressão racial, insultos, humilhação e dor, uma história que é animada através do que chamo de episódios de racismo cotidiano” (KILOMBA, 2019, p. 213). Em um país qual Portugal, onde a sociedade vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, a autora afirma que

[...] os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura *branca* dominante, mas também com o trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano, através do qual nos tornamos, novamente, a/o “*Outra/o*” subordinado e exótico da branquitude (KILOMBA, 2019, p. 215).

Grada Kilomba destaca a atemporalidade do racismo cotidiano, ponte entre a exploração humana do passado e o contexto traumático de exclusão, invisibilização e subalternização do presente, como vestígio colonial que ainda define os sujeitos da diáspora africana como “identidades fraturadas” (KILOMBA, 2019, p. 180). A memória poética afrodescendente insere-se justamente nesse contexto presente de retorno fantasmático ao passado para tentar elaborar os traumas, as perdas e as rupturas de uma memória africana subjetiva e vivencial que, porém, está se tornando memória coletiva de uma comunidade maior no Portugal do século XXI e que vai redefinir a própria identidade do país.

Em particular, a luta que as mulheres afrodescendentes em Portugal estão levando à frente, através da literatura, assinala uma importante continuidade de tradição poética com todas aquelas escritoras africanas oriundas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe que as precederam e que fizeram das letras, e em particular da poesia, um instrumento de luta e de libertação do sistema colonial português em África, e que se tornaram representantes de uma inteira geração de africanas e africanos que queriam reconhecida a própria dignidade identitária. Exemplos são as produções poéticas de Alda Espírito Santo, Alda Lara e Noémia de Sousa, mulheres que, através dos seus versos, promoveram uma visão diferente do papel das mulheres africanas, visando considerá-las como sujeitos ativos que têm um papel político no desenvolvimento histórico dos próprios países, e não simplesmente como representantes de uma memória diferencial em comparação à produção literária masculina. Hoje, as autoras afro-portuguesas retomam essas heranças de luta das suas predecessoras e as contextualizam no presente pós-colonial de Portugal. Há, portanto, uma genealogia feminina africana de transmissão de uma memória, que vai da luta pela independência em África até o combate ao racismo cotidiano em Portugal. Trata-se, de fato, de práticas cotidianas de resistência a uma sociedade estruturalmente racista e que tomam forma, como sublinha Fernanda Vilar em diversos artigos, na poesia e nas suas diferentes declinações – o rap e o slam – como espaços contra-hegemônicos que proporcionam contra-narrativas de afirmação identitária, de resistência e de sobrevivência (VILAR, 2020, p. 141).

Voices poéticas como as de Raquel Lima no seu livro de estreia *Ingenuidade Inocência Ignorância* (2019), Gisela Casimiro em *Erosão* (2018), Bernardete Pinheiro, Cristina Carlos, Carla Fernandes e Carla Lima, entre outras, estão a contribuir de forma marcante à formação, através da poesia, de uma memória comum e cultural da própria geração em Portugal. Destaca-se também a antologia *Djidiu – A herança do*



*ouvido* (2017), experiência poética inédita em Portugal e que “[se] inscreve numa herança de resistência cultural e política negra através da produção literária coletiva” (FERNANDES, 2017, p. 7). O texto veicula vozes de diferentes poetisas negras/os em Portugal, pensando justamente na criação de um espaço comum onde podem discutir e partilhar o que significa ser negra/o no contexto pós-colonial do país. Há depois uma grande produção poética que ainda não foi publicada, mas que remete a encontros informais, iniciativas sociais e círculos culturais onde as e os participantes partilham versos para contar suas histórias e entender o que significa ser afrodescendente em Portugal. Nesses fluxos e refluxos de memórias afrodescendentes, há uma autora que, no seu romance de estreia, *Essa dama bate búé* (2018), já lidou com os fantasmas do passado em Angola e que agora volta a enfrentá-los através do uso da memória poética. Trata-se de Yara Nakahanda Monteiro e seu recente livro de poesia *Memória Aparições Arritmias* (2021).

### DE ESPECTROS, VISÕES E PALPITAÇÕES: A MEMÓRIA POÉTICA DE YARA NAKAHANDA MONTEIRO EM *MEMÓRIA APARIÇÕES ARRITMIAS*

Desde sua estreia literária, Yara Nakahanda Monteiro sempre lidou com suas memórias divididas entre dois países: Angola e Portugal. Nascida no Humabo, Angola, em 1979, ela foi com dois anos de idade para Portugal com a família. “A memória de Angola”, afirma a escritora em uma entrevista, “foi uma construção. Eu cresci com uma Angola imaginada. Portanto, houve toda uma construção duma vivência, duma realidade que vivi como se usasse uma roupa em segunda mão ou em terceira: não eram minhas roupas mas tornaram-se minhas” (WIESER, 2021). A partir dessa “Angola imaginada”, a autora volta simbolicamente ao seu país com o romance *Essa dama bate búé*, livro que narra a história da Vitória, da procura da mãe dela – ex-combatente na Guerra Colonial –, e da própria identidade na Angola pós-colonial e do pós-guerra. O elo entre passado, presente e futuro está constantemente em jogo na produção literária da Yara que, em diferentes conversas, se define “trineta da escravatura, bisneta da mestiçagem, neta da independência e filha da diáspora” (HENRIQUES, 2019) e constata que “minhas raízes são africanas, são angolanas, mas as minhas asas são europeias, são portuguesas” (WIESER, 2021). Uma identidade em trânsito em um tempo de trânsito entre um evento histórico e o seguinte, entre países diferentes que compartilham traumas comuns ainda para enfrentar. Uma identidade, porém, que não se limita a refletir sobre a própria posição existencial de sujeito

diaspórico, mas que parte dessa constatação para levar a questão para o debate público, político e coletivo. Na poética da autora, os trajetos de vida, de memórias e de eventos nacionais transformam-se nos “papéis velhos” guardados no escritório do seu avô: “Pesquisar o arquivo de ‘papéis velhos’ é entrar no reino de Hades, fazer parte dessa terra invisível de almas, espectros de realidades onde os meus ancestrais e outros de gente que desconheço permitem que me aproprie das suas histórias, dos seus rostos, gestos, afetos e desafetos” (MONTEIRO, 2020, p. 3). O mesmo conceito é revelado por Vitória no romance:

O que acontece é que a memória familiar não é apenas de quem a viveu. Quem nasce a seguir, carrega a biografia de quem chegou primeiro. Eu existo naquele passado, e a memória pertence-me. A Angola que conheço é a evocação das lembranças que não foram extintas pelo tempo. É a utopia da felicidade. É dessa Angola que a minha família tem saudades. Recorrentemente, voltam a elas para matarem a fome da urgência de existência (MONTEIRO, 2018, p. 81-82).

A transmissão da memória familiar e o questionamento da história oficial são constantes na nova literatura portuguesa de autoria afrodescendente e, em particular, na poesia de mulheres negras que, segundo Fernanda Vilar, “buscam transmitir em sua escrita aquilo que foi passado apenas no âmbito familiar” (2021). A poesia da pós-memória tenta justamente fazer isso: lidar com uma história que possui muitas lacunas. Lembrando-se da subalternidade existencial que desde sempre paira em cima das mulheres negras, a poesia serve para “descarnar memórias” – citando o título de um dos poemas de Yara Nakahanda Monteiro – e analisar um passado que ainda assombra o presente.

Seguindo o processo de procura identitária – que de individual se torna coletiva – e de reconfiguração da memória pós-colonial inaugurado pelo romance, *Memórias Aparições Arritmias* retoma esse movimento para complexificar as questões através da linguagem, da sugestão e das potencialidades que a poesia veicula. Marcado por um ritmo tripartido, passado, presente e futuro continuam em jogo nos poemas de Yara Nakahanda Monteiro. Os fantasmas do passado (*memórias*) voltam para o presente como fantasmagorias e visões de um tempo ainda por elaborar<sup>3</sup> (*aparições*) e que geram as atuais tensões identitárias, mnésicas e

---

<sup>3</sup> Note-se a proximidade das temporalidades em jogo no livro e a temporalidade das “memórias da plantação” proposta por Grada Kilomba, onde “de repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante” (2019, p. 30). Em ambos os casos, trata-se da continuação do passado no presente através de imagens (“aparições”, para Yara Nakahanda Monteiro, “plantação”, para Grada Kilomba) que funcionam como portas entre tempos diferentes, porém ainda interligados.

sociais (*arrumias*) que Portugal está hoje vivenciando. Três temporalidades interligadas nesse tempo de trânsito contemporâneo.

Obra complexa na qual, segundo Doris Wieser e Luciana Moreira, subseguem-se “as memórias de um ou vários *eus* enunciadores” (2022). Pretendemos aqui destacar três elementos que recorrem na poesia da pós-memória afrodescendente e que achamos fundamentais nos processos de construção da memória poética coletiva veiculada pelas poesias das mulheres negras em Portugal: as sombras do colonialismo e seus restos contemporâneos no racismo cotidiano; o questionamento das categorias identitárias e a busca de raízes; o corpo e a condição feminina na sociedade atual. Questões, estas, que se colocam nas fantasmagorias de um presente descompassado pelas intrusões residuais do passado que alimenta feridas, rupturas e traumas.

O passado colonial esboça-se através das lembranças “em segunda mão” dos *eus* poéticos, como em “Bola de funge entalada na garganta”, no qual a voz de uma criança que cresce no Portugal dos anos 1980 lembra a sua infância:

*Kapalandanda walila, walila ofeka yaye, Kapalandanda walila  
ofeka yaye.*

*Kapalandanda chorou, chorou pela sua terra, Kapalandanda  
chorou, oh, chorou pela sua terra.*

Vindos do Andulo Velho, caminhavam com os espíritos  
amarrados pela cintura.

A menina

ouvía-os na sua cadência triste [...] (MONTEIRO, 2021, p. 23).

Em “Mudez”, o passado configura-se como uma vocalização não viável por causa de um inexplicável nó (traumático?) na garganta que não permite ao *eu* chorar:

Desde criança engulo o choro em seco. A garganta  
eco a secura do nó a aterrar.

Passados anos, os sapos auguram gritos. Trago no  
peito outras dores.

As histórias repetem-se por cinco gerações, dizem  
que as maldições também.

Não falamos sobre isso. (MONTEIRO, 2021, p. 28).

Às fantasmagorias de um passado aparentemente impronunciável, alterna-se a violência explícita perpetuada contra a mulher negra no tempo colonial – como em “Ei-lo”, no qual a violência do homem branco

culmina na frase “Na tua terra comi muitas como a tua mãe” e nas suas consequências, “Mais tarde / germinarão nomes e espectros da mesma história” (MONTEIRO, 2021, p. 61) – e que continua até o tempo presente, como assinala o poema “Outrora”: “Hoje chegas e matas-me. / Lembras? / Não lembras. / ... e fui eu quem te pariu” (MONTEIRO, 2021, p. 41).

Em um depoimento, a autora afirma: “eu sinto Angola como a mátria e Portugal como a pátria” (WIESER, 2021). É justamente esta contraposição entre mátria e pátria que simboliza o conflito entre o passado colonial de Portugal e as lutas pela independência dos países africanos, e que continua como dicotomia em jogo no tempo pós-colonial<sup>4</sup>. Dicotomia perfeitamente representada em “Às costas leva a pátria”: “As costas da mãe são berço amoroso / leito de criança. / Adormeço com o embalo / que aquieta meu choro. / Minha mãe sempre / sorri. / Às costas leva a Pátria” (MONTEIRO, 2021, p. 46). “A ternura e a doçura”, escreve Catarina Martins em recente resenha sobre o livro, “envolvem a evocação da figura materna, a mãe África ou as mães africanas” (2021, p. 21). Mãe física, concreta, mulher em carne e osso, mas também mãe simbólica, Mãe-África que, por muito tempo, foi explorada pela Pátria que, ainda hoje, não reconhece como próprios filhos e filhas os sujeitos que nasceram em Portugal e que carregam nas costas as heranças de um passado imperial que a sociedade está prestes a esquecer tão facilmente. “Hei de livrar-me do embuste” (2021, p. 47), escreve Yara, como forma de exortação para desconstruir uma narração hegemônica que a Pátria veiculou como “história única”, para citar Chimamanda Ngozi Adichie.

Partindo desse passado, os poemas visam questionar as identidades em jogo no tempo pós-colonial em Portugal, mostrando a complexidade da questão identitária e, também, seu potencial na reconfiguração de uma sociedade despedaçada depois do fim do império. A marca racial irrompe logo no processo de autoafirmação, resultando em um sujeito dividido entre a busca das suas raízes e o modelo de assimilação branco, contemporaneamente apagando e reclamando sua própria cor, como no poema “Previsão do tempo”:

---

<sup>4</sup> Lembramos que a dupla “pai-colonialismo” é uma constante na literatura pós-colonial portuguesa; é só pensarmos em obras quais *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, *O retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, *Estranha guerra de uso comum* (2016), de Paulo Faria, entre outras, e nos trabalhos que lidam com a questão da paternidade em África, como, por exemplo, *Furriel não é nome de pai* (2018), de Catarina Gomes. Mas quanto à figura da mãe e da maternidade (física e simbólica) em África? Entre algumas publicações, destacamos *Combater duas vezes* (2015), de Margarida Paredes, livro que enfrenta a temática da participação das mulheres no conflito armado em Angola; porém, achamos que a obra de Yara Nakahanda Monteiro, seja o romance, seja o livro de poesia em análise, traz uma contribuição inédita para a ficção portuguesa, pois sua produção salienta a importância da figura materna no debate pós-colonial.

Tranço o cabelo  
dizem  
quero parecer mais preta

Faço *brushing*  
dizem  
quero parecer mais branca

Na frente quente vinda do hemisfério sul  
os caracóis secam desordenados  
perguntam  
quero parecer de onde?

‘Eu sou de onde estou.’ (MONTEIRO, 2021, p. 24)

Trata-se de um processo identitário não linear, mas “múltiplo, paradoxal e tenso, carregado de violentas fraturas, dualidades difíceis de articular, mas que, ainda assim, chega às certezas possíveis da afirmação de um sujeito que habita fronteiras e faz das encruzilhadas a sua matéria” (MARTINS, 2021, p. 20). E nessa procura, existem práticas de resistência contra o racismo cotidiano que possibilitam a afirmação do próprio passado ancestral como técnica de sobrevivência, como bem mostra o poema “Bilingue”: “Achava que me ofenderia em inglês. / Respondi em umbundo” (MONTEIRO, 2021, p. 77). Tornar-se uma “encruzilhada” entre culturas, cores, mundos, idiomas e temporalidades parece ser a resposta para sobreviver no tempo pós-colonial, como, aliás, já afirmou Gloria Anzaldúa em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*: “To survive the Borderlands / you must live *sin fronteras* / be a crossroads” (2012, p. 217). Nesse sentido, como escreve Catarina Martins, Yara Nakahanda Monteiro afirma-se “como alguém que recria na fronteira e faz da encruzilhada o seu lugar de afirmação poética. Trata-se de inverter a fratura no emergir inteiro de um ser mestiço e múltiplo compósito, trama de espaços e tempos” (2021, p. 21). Ser uma encruzilhada significa entender que “nem tudo é exílio” (MONTEIRO, 2021, p. 79), que é preciso reconfigurar o próprio ser, moldando-se na constante fluidez do devir pós-colonial contemporâneo.

Há ainda um lugar “físico” onde as memórias do passado, os traumas, os conflitos identitários e as lutas pela emancipação se encontram em um “campo de batalha”: o corpo feminino. O corpo torna-se elemento central na poesia de Yara Nakahanda Monteiro, elo de conjunção entre temporalidades, memórias e experiências. O corpo grava os traumas, lembra das sensações físicas, acumula as feridas que tenta sarar. O corpo é também o lugar de expressão, como assinalam os diferentes poemas que falam sobre os prazeres do

corpo, a liberdade sexual, a feminilidade criadora (ao mesmo tempo doce e voraz) como maneira de desconstruir os tabus acerca do corpo das mulheres, e das mulheres negras em particular. Na poética de Yara Nakahanda Monteiro, o corpo torna-se corpo político que, simplesmente através da sua presença física no debate público, desconstrói os ditos e os não ditos do tempo colonial e suas heranças no presente. Conforme escreve Fernanda Vilar (2021), “a apropriação do corpo na contemporaneidade é a chave de sua descolonização”. Na tentativa de tornar coletiva a experiência individual, a poesia afrodescendente da pós-memória luta para que os sujeitos diaspóricos sejam reconhecidos, para citar Judith Butler, como “corpos que importam” (2020, p. 3) na sociedade portuguesa. E a luta deve começar pelo reconhecimento da dignidade do corpo e da sua existência na sociedade.

O corpo, porém, não pode existir sem sua memória. Por isso, Yara Monteiro invoca, em “Descarnar memórias”, Mnemosine, personificação da mitologia grega da memória e que no poema se torna vozes de avós, antepassados e anônimos que regressam do Hades para ajudar a lembrar.

[...]

Depois  
no chão estendo  
o manto negro ruborizado.  
Arranjo memórias em película aderente.  
Retiro-lhes a pele.

Chegam os espectros ressoando ladainhas,  
benzendo-me com seus risos,  
batendo com os pés escuros  
na dureza da nova terra.

Juntos descarnam-se as memórias  
enquanto das  
veias e artérias jorram  
repuxos nutridos  
a óleo de palma.

No piscar de olhos da titânide, bebo água do rio Lete.  
Há esquecimentos que vêm por bem. (MONTEIRO, 2021, p. 22)

Descarnar memórias significa elaborar o passado, para que haja, um dia, “esquecimentos que vêm por bem”, ou seja, um discurso apaziguador para uma possível reconciliação entre as conflitualidades ainda em

jogo no presente. Há, por último, outras figuras de mediação nesse processo de negociação e reconfiguração histórica: as “Guardiãs das sementes”.

Procuram terra farta para trabalhar  
entre risos e cantos  
vergam o corpo  
lavram o ventre  
atiram a  
semente.

Mãos pequenas, fortes.  
Fortes, vivas, mãos feridas,  
mãos negras.

De sol nascente a poente  
cutelos  
remexendo terra  
rasgando carne vermelha.

Chove suor da labuta  
a terra está pronta, sem  
descanso  
plantam vida, alimentam morte.

Cresce, renasce  
o pão é colhido.  
A semente será sempre pão?  
Se terra existir.

Na cidade, cabelos trançados guardam sementes. (MONTEIRO, 2021, p. 44-45)

Aparecem aqui as predecessoras, as antepassadas, as avós e as mães africanas que assinalam a existência de uma genealogia de mulheres que vem de longe e que assegura a continuidade dos tempos; desde a época colonial, há uma antiga tradição de luta, resistência e sobrevivência que é transmitida de geração em geração. As “guardiãs” simbolizam essa prossecução histórica, na qual as lutas de ontem tornam-se nas conquistas de hoje. As mulheres das novas gerações, os “cabelos trançados”, guardam os frutos produzidos pelas suas mães e plantam as sementes desses frutos para ver florescer os esforços conjuntos de lutas passadas e presentes. O poema parece representar, através da imagem intergeracional, a frase em ubuntu “eu sou

porque nós somos”<sup>5</sup>: o presente da comunidade afrodescendente existe em razão da solidariedade nas lutas passadas que agora, através dos diferentes trabalhos da pós-memória, estão tornando os esforços individuais em conquistas coletivas para descolonizar o presente; e as mulheres negras colocam-se na primeira linha dessa luta.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DIREITO A PERTENCER

É nesse horizonte de prossecução de lutas do passado que se insere a poesia e a memória poética das mulheres afrodescendentes. A esse propósito, Fernanda Vilar descreve essas novas formas literárias – onde cabem também o rap e o slam – como “*combarte*, em que a iniciativa artística combina-se com dinâmicas de combate, criando diversas formas de levante” (2019, p. 3). Assim, as diferentes formas poéticas situam-se dentro de uma dinâmica de relações sociais que visam obter o reconhecimento público da dignidade das alteridades, das suas histórias e do seu presente para comunicar a exigência de um futuro melhor. Ligar o trabalho da pós-memória e da memória multidirecional à arte poética significa criar um novo espaço para a comunidade afrodescendente onde a união de ética e estética permite a elaboração do passado, a desconstrução do presente e a projeção em um futuro diferente. Graças a esse espaço que a memória poética veicula, a poesia das mulheres negras em Portugal torna público problemáticas que, antes, tinham pouca importância na agenda política do país: os traumas coloniais, a relevância do corpo como material político, o racismo cotidiano e estrutural, os processos de racialização, a politização das vulnerabilidades e precariedades existenciais, os reconhecimentos identitários, a exigência de reparação e de reconciliação, entre outras questões.

Uma luta de emancipação que vem de longe e que tem uma longa tradição de resistência transmitida pelas mulheres africanas das ex-colônias africanas que combateram para que as gerações seguintes pudessem ter perspectivas melhores. Rosângela Sarteschi escreve que “a memória e a aspiração por conectar laços e pontas soltas com a história em que sobressai a fundação de uma genealogia da própria existência animam

---

<sup>5</sup> Filosofia que, é preciso lembrar, virou grito de luta de Marielle Franco, vereadora da Câmara do Rio de Janeiro e defensora dos direitos humanos e das minorias, brutalmente assassinada no dia 14 de março de 2018. Através dessa frase, Marielle Franco levou para a frente uma longa tradição de luta, resistência e partilha de solidariedade das mulheres negras e das classes populares.



essas escritas” (2019, p. 297); trata-se, de fato, de uma genealogia feminina que liga avós, mães e filhas africanas em direção de um futuro comum. No panorama da memória poética das mulheres da diáspora africana, a obra de Yara Nakahanda Monteiro desenvolve um papel pioneiro no processo de elaboração poética da memória. “Ao contar essa sua história”, lembram Luciana Moreira e Doris Wieser (2022), “a autora conta também o percurso de um vasto número de pessoas africanas ou afrodescendentes que cresceram em Portugal e que aqui têm lutado por um espaço seu, contra políticas e práticas sociais muitas vezes discriminatórias”.

E se Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, ao propor o conceito de “memória poética da Guerra Colonial”, escrevem que o material poético recolhido na antologia serve para que as memórias da Guerra se tornem “parte viva e dolorida do ser em comum do Portugal de hoje. Um rosto, encoberto e exposto, do nosso presente, da textura, desfibrada e resistente, do que fomos e do que somos” (2011, p. 32), propomos aqui ler a memória poética da comunidade afrodescendente como uma memória extremamente necessária, e que não pode ser ignorada ou invisibilizada, para entender o Portugal do século XXI. Conforme afirma Fernanda Vilar em relação a essa produção artística, trata-se de substituir no discurso público “a exclusividade do ‘ou’ pela integração do ‘e’: da África e da Europa, de Angola e de Portugal” (2021, p. 150). Deste modo, a memória poética das gerações afrodiáspóricas coloca-se como ponte entre dois mundos e duas culturas que, hoje, estão partilhando o mesmo solo europeu e que representa uma história mais ampla da Europa e da África dentro do mesmo território, ao qual esses sujeitos têm direito a pertencer e existir ao par dos outros. A memória poética das mulheres afrodescendentes, através da criação de uma memória cultural que provém de uma antiga tradição de resistência das mulheres africanas, está levando para a frente a luta para o reconhecimento desse direito.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. São Paulo: Editora Unicamp, 2011.

BELENCIANO, Vítor. Afro-Europa. *Público*, 2021. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/11/07/opiniao/opiniao/afroeuropa-1983946>. Acesso em: 06 jan. 2022.

BRAIDOTTI, Rosi. Difference, Diversity, and Nomadic Subjectivity. *Universiteit Utrecht*, 2000. Disponível em: <http://www.let.uu.nl/~Rosi.Braidotti/personal/rosilecture.html>. Acesso em: 06 jan. 2022.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2020.

EL-TAYEB, Fatima. *European Others: Queering ethnicity in postnational Europe*. Minneapolis: University of Minnesota, 2011.

FERNANDES, C. et al. *Djidiu – A herança do ouvido*. Lisboa: Vada Escrevi, 2017.

HENRIQUES, Joana Gorjão. Essa dama bate bué. *Público*, 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/03/21/culturaipsilon/noticia/trineta-escravatura-bisneta-mesticagem-neta-independencia-filha-diaspora-1865819>. Acesso em: 05 nov. 2021.

HIRSCH, Marianne. *Family Frames: Photography, narrative, and postmemory*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory: Writing and visual culture after the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Catarina. Memórias Aparições Arritmias. *Jornal Angolano de Artes e Letras*, Luanda, n. 7, p. 20-21, 22 dez. 2021.

MATA, Inocência. Estranhos em permanência: a negociação da identidade portuguesa na pós-colonialidade. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *“Portugal não é um país pequeno”*: contar o ‘império’ na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2006, p. 285-315.

MONTEIRO, Yara. *Essa dama bate bué*. Lisboa: Guerra & Paz, 2018.

MONTEIRO, Yara. *Memórias Aparições Arritmias*. Lisboa: Companhia das Letras, 2021.

MONTEIRO, Yara. Papéis velhos. *Memoirs-Jornal*, 2020. Disponível em: [https://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id\\_lingua=1&pag=22637](https://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id_lingua=1&pag=22637). Acesso em: 05 jan. 2022.

MONTICELLI, Rita. Utopie, teorie critiche e ‘contromemorie’ dei women’s studies e degli studi di genere. In: FORTUNATI, Vita; COLINELLI, Gilberta; MONTICELLI, Rita (Orgs.). *Studi di genere e memoria culturale*. Bolonha: Clueb, 2004, p. 87-112.

MOREIRA, Luciana; WIESER, Doris. *Memórias Aparições Arritmias*, de Yara Nakahanda Monteiro. *Buala*, 2022. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/memorias-aparicoes-arritmias-de-yara-nakahanda-monteiro-companhia-das-letras-2021>. Acesso em: 31 jan. 2022.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 8, p. 9-18, 1989.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma história depois dos regressos: a Europa e os fantasmas pós-coloniais. *Confluenze*, Bolonha, v. XII, n. 2, p. 74-95, 2020.

RIBEIRO, Margarida Calafate. “Viagens na minha terra de ‘outros’ ocidentais”. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; ROTHWELL, Phillip (Orgs.). *Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 2020, p. 291-307.

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto. *Antologia da memória poética da Guerra Colonial*. Porto: Afrontamento, 2011.

ROTHBERG, Michael. *Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the age of decolonization*. California: Stanford University Press, 2009.

RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. Trad. Misael H. Dursan. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARTESCHI, Rosângela. Literatura contemporânea de autoria negra em Portugal: impasses e tensões. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 36, p. 283-304, 2019.

SPILLERS, Hortense J. Mama’s Baby, Papa’s Maybe: An American grammar book. *Diacritics. A Review of Contemporary Criticism*, New York, v. 17, n. 2, p. 65-81, 1987.

SPIVAK, Gayatri C. Can the Subaltern Speak?. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Orgs.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. New York: Routledge, 1993, p. 66-111.

VECCHI, Roberto. Depois das testemunhas: sobrevivências. *Memoirs-Jornal*, 2018. Disponível em: [https://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id\\_lingua=1&pag=22637](https://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id_lingua=1&pag=22637). Acesso em: 05 jan. 2022.

VILAR, Fernanda. À margem da margem: a TransMissão das escritoras Negras brasileiras. *RITA*, 2021. Disponível em: <http://www.revue-rita.com/articles/a-margem-da-margem-a-transmissao-das-escritoras-negras-brasileiras-fernanda-vilar.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

VILAR, Fernanda. Migrações e periferias: o levante do slam. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 58, p. 1-13, 2019.

VILAR, Fernanda. Slam: periferia, pós-memória e identidade. *Confluenze*, Bolonha, v. XII, n. 2, p. 135-152, 2020.

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM – V. 10, N. 1 (2022)

DOSSIÊ: TECENDO MEMÓRIAS, PRESERVANDO HERANÇAS, ILUMINANDO CAMINHOS: VOZES FEMININAS NAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

WIESER, Doris. As minhas raízes são africanas e as minhas asas são europeias, entrevista a Yara Monteiro. *Buala*, 2021. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/as-minhas-raizes-sao-africanas-e-as-minhas-asas-sao-europeias-entrevista-a-yara-monteiro>. Acesso em: 26 jan. 2022.

**Submissão: 13 de fevereiro de 2022**

**Aceite: 04 de maio de 2022**